

Espaço para criar: teatro e dança com alunos surdos

Sergio Andrés Lulkin: Faculdade de Educação
Mestranda em Artes Cênicas: Marcia Berselli

O artigo propõe-se a evidenciar e problematizar alguns aspectos da ordem técnica e sensível a respeito da criação de aulas de teatro para alunos surdos. A partir da experiência pedagógica junto às oficinas do projeto “Teatro e Dança com alunos surdos”, desenvolvidas na Escola Municipal de Ensino Fundamental de Surdos Bilíngue Salomão Watnick (Porto Alegre / RS), busca-se refletir sobre os agenciamentos atualizados na elaboração e realização de propostas cênicas em busca de uma poética corporal que integra a forma própria de comunicação dessa comunidade utilizando a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Acrescem às discussões,

apontamentos a respeito de diretrizes que buscam pensar o espaço criativo proporcionado pelas artes como produtor de conhecimento e potencializador da afirmação social de um grupo minoritário.

O início

Entro na Escola Municipal de Ensino Fundamental de Surdos Bilíngue Salomão Watnick, os seis alunos participantes das oficinas que integram o Projeto de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, “Teatro e Dança com alunos

Surdos”¹, me aguardam reunidos em uma sala: descansam, conversam, brincam... me esperam. Juntos nós vamos para a sala das artes. Já temos uma sistemática estabelecida: primeiro uma conversa, sentados no chão formando um círculo; em seguida, o aquecimento, massagem, exercícios, jogos e cenas. Como em toda sala de aula, temos os nossos contratempos: um aluno que faz piada, outro que acha a atividade muito difícil e não quer fazer, e outro que durante grande parte da aula conversa com o colega. Normal. A mim, como “organizadora” da aula, cabe chamar a atenção, chamar para o jogo, conquistar. E assim vamos descobrindo a cada aula novas dificuldades e desafios, ao mesmo tempo em que ganhamos confiança e “crescemos” como jogadores, conhecendo limites e os superando, nos maravilhando com novas descobertas e tendo contato com a mágica do teatro que acontece quando o grupo coloca-se disponível a um compartilhar efetivo.

Nosso espaço e as oficinas

A Escola Municipal de Ensino Fundamental de Surdos Bilíngue Salomão Watnick, localizada na cidade de Porto Alegre, é uma escola que atende alunos surdos com ou sem outras deficiências associadas. Como escola bilíngue, a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) é a língua de instrução, a primeira língua, e o Português é trabalhado em sua forma escrita.

Os alunos que participam das oficinas têm entre 11 e 16 anos, e apresentam conhecimentos variados de português escrito e mesmo da Língua de Sinais.² Nossas oficinas acontecem na sala de

artes ou no pátio da escola, com a duração de 01h 45min. Nestas, temos como objetivos trabalhar com a dança - utilizando como base princípios do Contato Improvisação³ - e o teatro, visando como eixo principal o desenvolvimento da linguagem corporal dos alunos. Através de jogos e exercícios buscamos enfatizar a conexão do teatro e da dança em um só corpo, desenvolvendo a expressividade, a ludicidade e o trabalho de forma coletiva. Ao aproximar o teatro e a dança do contexto dos alunos, tencionamos promover um espaço em que sintam-se à vontade para explorar suas potencialidades e desenvolver o pensamento imaginativo através das experiências cênicas.

Nas aulas, utilizando a Língua Brasileira de Sinais, desenvolvemos exercícios teatrais, jogos dramáticos e teatrais, improvisações dramáticas e coreográficas, montagem de cenas, criação de roteiros e apreciação de trabalhos teatrais e de dança. Durante as aulas o foco está em envolver todos os alunos nas atividades e respeitar as necessidades individuais. Buscamos desenvolver as capacidades artísticas e intelectuais dos participantes, os jogos e atividades são selecionados levando-se em conta o grupo como um todo, mas instigando a reflexão sobre as diferenças e particularidades de cada aluno.

A organização básica dos encontros das oficinas segue uma sequência que visa estabelecer o contato entre os alunos e uma disponibilidade corporal e atenção ao momento, propiciando o desenvolvimento do estado criativo. Iniciamos nossos encontros com um momento de conversa, sentados em círculo. Conversamos sobre o encontro anterior e abrimos espaço para colocações acerca das reverberações e relações de nossas atividades com o cotidiano de cada aluno. A seguir, há o aquecimento corporal, o qual é feito em círculo trabalhando com a mobilização



de articulações e alguns alongamentos, quando passamos a um momento de manipular o corpo do outro, em duplas, trios ou em fila indiana. Como a referência visual é bastante importante, realizamos juntos, - alunos e professor -, o aquecimento inicial. O avanço das oficinas passa a ser conduzido pelos próprios alunos que organizam a sequência com a supervisão do professor.

Em seguida, realizamos exercícios e jogos de Contato Improvisação que propiciem um engajamento físico, trabalhando com ritmos e direcionando a atenção para o corpo em relação ao espaço e tempo, a partir dos quais passamos a estabelecer o contato entre os jogadores. Este contato é entendido como uma relação efetiva entre os jogadores, criando um “entre” que não é individual, mas existe somente na relação entre os participantes. Augusto Boal (2000, p. 143), teatrólogo brasileiro, fala desse contato entre os atores do jogo ao dizer que “Teatro pra mim sempre foi essa energia que passa de um a outro, entre os dois. Como o amor, que não está contido em um ou outro amante, mas existe intenso *entre um e outro*”.

Estabelecendo o contato, os exercícios e jogos de Contato Improvisação são mesclados a jogos teatrais, desenvolvendo competências técnicas. Disponibilidade, abertura ao outro e ao espaço, atenção, concentração, comunicação, imaginação, adaptação, capacidade de agenciar e ajustar meu corpo em relação aos outros jogadores e aos elementos com os quais componho, capacidade de ação-reação, consciência de si e do outro são competências desenvolvidas no estabelecimento do contato entre os jogadores.

Com estas ferramentas atravessando os corpos em contato, passamos a composições e criações de pequenas cenas. Elas são desenvolvidas a partir de algum momento diferenciado surgido nos exercícios e jogos anteriores, ou através de temas e assuntos previamente escolhidos pelo grupo, ou mesmo a partir de um roteiro que algum aluno inicia e que é desenvolvido por todos, em conjunto. Improvisamos compondo as cenas que são recuperadas algumas vezes em busca de apropriação, aprofundamento e memorização a fim de que possam, se assim desejarmos, serem retomadas em um próximo encontro. E assim nos encaminhamos à finalização da atividade.

No fechamento do encontro, há um novo momento de conversa, no qual levantamos questões sobre as atividades realizadas no dia. Cada aluno é instigado a colocar e compartilhar com os colegas suas percepções, contentamentos e descontentamentos, dúvidas e críticas. Quando nenhum jogador se disponibiliza a iniciar a fala, lanço uma questão que possa estimular um pensamento sobre a prática. Alunos que apresentam uma característica de liderança apresentam suas colocações, estimulando os demais. Respeitando cada colocação individual, os alunos encontram um espaço, nesse momento final de conversa, para trazerem o que se passa em seus pensamentos de maneira muito livre e sem cobranças excessivas. Questões das oficinas mesclam-se com relatos de seus cotidianos, com acontecimentos vivenciados na escola em outros momentos, com inquietações gerais.

1. Ação de Extensão coordenada pelo co-autor do presente artigo e oficinas ministradas pela autora. Registros em foto e vídeo realizados pelo bolsista de extensão, André Macedo, em 2013.

2. Como todo aluno em formação na escola básica, o acompanhamento e participação da família é fundamental. Alunos que são mais estimulados pelos pais, que têm familiares que conhecem a LIBRAS, sabem se expressar e se colocar de maneira diferenciada, participam mais das discussões, apresentam certo protagonismo, auxiliam o professor nas explicações e incentivam os demais colegas.

3. O Contato Improvisação é uma forma de dança desenvolvida pelo bailarino e performer Steve Paxton na década de 1970. Envolve a interação entre os corpos e a improvisação, além de elementos técnicos como rolamentos, apoios, carregadas, compartilhamento de peso, deslocamento do eixo e tomadas de decisão em conjunto. Não há hierarquias, todos podem participar.



Compartilhando do pensamento sobre as atividades teatrais, o sentido de grupo estimula o compartilhar de questões pessoais, quando cada aluno se sente seguro para expor o que o atravessa naquele momento, sem a cobrança tradicional de um “certo ou errado”, de algo que pode ou não pode ser dito. A confiança desenvolvida nos jogos que engajam o físico – como, por exemplo, exercícios e jogos de Contato Improvisação, no qual um aluno é sustentado pelo outro – e as tomadas de decisão em jogos nos quais não há uma escolha certa ou errada, mas sim diversas possibilidades à disposição do aluno que permanecem sendo exercitadas e vivenciadas também através da fala que encerra nosso encontro.

O sensível e o pedagógico

O que nos une no espaço das oficinas é o que o teatro nos proporciona enquanto experiência, enquanto compartilhar. Porque é isso que fazemos: compartilhamos daquele momento, daqueles experimentos, nos jogos, nos exercícios, nas cenas. Descobrimos juntos a importância de cada jogo, determinamos um sinal para cada jogo, criamos convenções que auxiliam o entendimento, a apropriação e a recuperação de jogos e

exercícios. Juntos vamos transformando jogos que inicialmente foram organizados com comandos a partir da fala/audição.

Neste espaço de estar em contato, de compartilhar, desenvolvemos aspectos da ordem do sensível, do expressivo, do pedagógico. Através das oficinas os alunos têm acesso a um conhecimento do fazer teatral que vai da ludicidade a mecanismos e competências técnicas, apreciar trabalhos teatrais e performáticos, dentro do próprio espaço escolar, através de parcerias realizadas com artistas locais⁴.

No sensível do jogo, praticamos e refletimos a respeito da prática. Em duas línguas – e mesmo com uma terceira, criada a partir das convenções do grupo, de uma ética que o mantém coeso – buscamos desenvolver um pensamento reflexivo e um aprofundamento de questões relativas aos jogos no sentido de elaborar uma fala sobre a prática. Nos diversos momentos de conversas que complementam as experimentações práticas, põe-se em jogo a minha capacidade de articular

4. Foi realizada na escola, no segundo semestre de 2013, a apresentação de “Teoria Bang Bang”, trabalho de Di Nardi e Gabriela M. Chultz, com orientação de Suzi Weber. Trabalho vinculado ao DAD/IA/UFRGS.

explicações e proposições acerca dos jogos e exercícios, bem como ajustamentos necessários ao traduzir minha fala – pensada em um primeiro momento em Português – para a LIBRAS – que muitas vezes apresenta palavras que não têm exatamente o sentido utilizado no Português ou em relação à área teatral, que também apresenta um vocabulário próprio.

Nesse sentindo, unir a prática dos exercícios e jogos com o momento da explicação em LIBRAS coloca-se como importante também para aprofundar as relações estabelecidas pelos próprios alunos em relação aos jogos, fomentando questionamentos e despertando interesses que por vezes não se condicionam apenas ao momento da aula de teatro ou às questões teatrais. Nestes momentos há outra situação de compartilhar, de se colocar disponível: por um lado buscando os melhores sinais, criando aproximações através de exemplos, e sendo instigada a aprender novos sinais; por outro, sabendo acolher relações a partir de eventos da vida cotidiana dos alunos, compreendendo uma formulação de pensamento a partir da LIBRAS. Buscamos equalizar, equilibrar as forças e a comunicação na hora de estabelecer convenções, criando códigos de conduta do grupo para que este sobreviva, para que seja coeso, coerente com os seus participantes, com as culturas que se encontram.

Assim, durante as aulas procuramos procedimentos que auxiliem ao aprimoramento e aprofundamento em relação aos jogos e criações propostas. Um recurso bastante utilizado é a filmagem e fotografia de cenas e jogos. Através deste recurso é possibilitado aos alunos um distanciamento – da ordem de se colocar “fora de cena” para perceber o que acontece “dentro” – e uma aproximação a elementos técnicos que por vezes não são conscientizados em uma perspectiva de “dentro” da cena. O estudo dos vídeos se mostra

uma boa maneira de aprofundarmos questões quando a explicação parece não contemplar de todo os jogos e exercícios. Através destas análises, é possibilitado aos alunos tecerem relações a partir de suas próprias percepções enquanto atores do jogo e espectadores do vídeo. Como local de “armazenamento” e “compartilhamento”, bem como visando à possibilidade de estudo – e memorização – dos vídeos para além do horário das oficinas, utilizamos uma ferramenta bastante presente na vida dos alunos, o *Facebook*. Direcionamos para esta plataforma alguns vídeos selecionados, advindos de filmagens das cenas em aula, bem como dos vídeos escolhidos como objeto de experimentações – cenas de espetáculos, de práticas corporais, de performances, etc.

Através deste registro empírico a memória dos alunos é desenvolvida e posta em relação ao trabalho, sendo também uma forma de retorno da prática ao aluno. Ali, disponível a todos os participantes, o trabalho realizado em conjunto adquire um forte sentido de “compartilhar”. Todos são legitimados como propositores do trabalho, como possuidores dos vídeos, como agentes das práticas desenvolvidas em sala. Há uma apropriação do trabalho, que começa em sala, passa pelo acesso aos registros e culmina no momento em que os alunos são autônomos para compartilhar o conhecimento com outros alunos da escola que não participam das oficinas. Ao se proporem a “ensinar” jogos, frases de movimentos corporais advindas da pesquisa sobre personagens e mesmo sequências de cenas, os alunos adentram um universo pouco acessível e quase nunca aberto a eles: de propositores legítimos de um saber. Desta forma, através da prática e da reflexão sobre a prática, podemos pensar o espaço criativo proporcionado pelas artes como produtor de conhecimento e potencializador da afirmação social de um grupo minoritário. ◀

Referência

BOAL, Augusto. *Hamlet e o filho do padeiro*: memórias imaginadas. Rio de Janeiro: Record, 2000.